

TÉCHNE GRAMMATIKÉ
– A BASE DA TEORIA GRAMATICAL

Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (UFMT)
luizpeel@uft.edu.br

I. Apresentação

Uma das primeiras obras acerca do ensino da língua e da literatura, a *Téchne Grammatiké* de Dionísio Trácio, é um tratado breve e metódico da teoria gramatical, e suas edições principais são a de G. Uhlig – *Dionysii Thracis Ars Grammatica*, de 1883, e a de I. Bekker, em *Anecdota Graeca*, de 1965, que foram usadas como fonte para esta edição portuguesa; servindo, ainda, de apoio a edição de Jean Lallot – *La Grammaire de Denys le Thrace*, de 1989.

Dionísio nasceu em Alexandria e viveu entre 170 e 90 antes de Cristo, aproximadamente, ocupando-se especialmente com a obra de Homero, por meio de comentários, dos quais chegaram até nós algumas dezenas de fragmentos. E a questão da autenticidade de sua obra foi considerada resolvida no século retrasado, por J. Classen e M. Schmidt.

A *Techné* é, obviamente, um texto grego e chegou até nós em dezenas de manuscritos medievais (X – XVIII séculos); existindo, ainda, duas traduções antigas: uma em armênio, do fim do V século; a outra em siríaco, praticamente contemporânea da primeira. Trata-se, para alguns, da primeira gramática do Ocidente.

A melhor introdução para este gramática equivale com certeza ao seu parágrafo inicial: “A Gramática é o conhecimento empírico do que se encontra, na maioria das vezes, nos poetas e nos outros escritores”. Gramática era, portanto, conhecimento não teorizado, provindo apenas de experiências de análise textual ou filológica, algo bem diferente da tradição gramatical contemporânea. Dionísio fixou normas a partir do uso atestado nos textos de sua época, com a finalidade de preservar a cultura de seu povo; entretanto, não considerou as antecipações lógicas e semânticas propostas por Aristóteles, apresentando preocupações apenas com o nível estoico do significante.

Partindo das observações desses filósofos, compôs um pequeno tratado cujos traços fundamentais ainda hoje estão presentes na maioria das gramáticas ocidentais, pena que sua primeira frase, talvez a mais pre-

cisa, não tenha tido igual consideração, e sim, os seus outros enunciados, carentes da perceptibilidade daquela.

Tendo nascido na Alexandria, viveu aproximadamente entre 170 e 90 a.C., constando sua obra de vinte parágrafos, que não abrigam a sintaxe, somente a fonética e a morfologia; apresentando somente sistemas classificatórios e não considerando o significado nem a sintaxe. Preocupações objetivas com o arranjo só aparecerão no segundo século depois de Cristo, com Apolônio Díscolo, que, organizando sistematicamente toda a matéria linguística sobre uma base filosófica, afastou-se do exame do aspecto exterior, típico da gramática alexandrina.

2. A gramática de Dionísio Trácio

2.1. Técnica¹ de Dionísio, o gramático

2.1.1. Da gramática

Gramática é o conhecimento empírico² do que se diz frequentemente³ entre poetas e prosadores.

¹ O vocábulo *techné*, traduzido aqui por técnica, apresenta uma característica dirigida à produção, tanto poética quanto pragmática; surgindo de experiências individuais (*empeirias*) e tornando-se técnica por meio de suas generalizações.

² A conceituação de gramática como *empeiria* significa que a sua característica fundamental é a de ser fenomenológica e filológica. Entretanto, para Dionísio, a gramática deve ser compreendida principalmente como arte (*techné*), já que não é uma ciência como a geometria ou a física, pois suas regras permitem várias exceções em função da ambigüidade do *lógos* – linguagem, discurso, razão ou pensamento. Mas que tipo de arte seria? Para os contemporâneos de teórico grego, havia dois tipos de arte: arte da linguagem (*logikai*) e arte da ação (*praktikai*); e é óbvio que, para eles, a gramática se situava dentre as artes da linguagem, juntamente com a retórica e a filosofia. Havia, no entanto, para os estudiosos da época, outra tipificação das artes: artes de especulação (*theoretikai*), como a astronomia; artes de ação (*praktikai*), como a estratégia; artes de produção (*poietikai*), como a estatuária; e artes mistas (*miktai*), como a medicina. Nessa classificação, a gramática era colocada como arte mista, como parente da medicina.

³ Dionísio se refere às formas lingüísticas usuais ou ao uso corrente da linguagem, o que coloca a sua obra como a primeira tentativa ocidental descritivista; e a expressão que usa é a mesma já anteriormente utilizada por Aristóteles para qualificar o que se produz usualmente na linguagem. E a menção do uso coloca a gramática entre as ciências da observação.

São seis as suas partes¹: a primeira, a leitura experiente de acordo com os sinais prosódicos; a segunda, a exposição dos tropos poéticos encontrados; a terceira, a pronta restituição das palavras e das histórias; a quarta, a descoberta da etimologia; a quinta, a consideração da analogia; a sexta, a crítica dos poemas, que é de todas as partes a mais bela.

2.1.2. *Da leitura*

A leitura é a enunciação correta de poemas e composições em prosa.

É necessário ler de acordo com a declamação, com os sinais prosódicos e com os sinais de pontuação. Na declamação, percebemos a qualidade; nos sinais prosódicos, a arte; nos sinais de pontuação, o pensamento contido; para que possamos ler a tragédia, heroicamente; a comédia, vivamente; a elegia, agudamente; a épica, vigorosamente; a poesia lírica, harmoniosamente; as lamentações, preguiçosamente e chorosamente. De fato, leituras que não observam esses princípios, não só menosprezam as virtudes dos poetas, mas também tornam ridículos os comportamentos dos leitores.

2.1.3. *Do tom*

O tom é a ressonância da voz harmoniosa: no caso do agudo, acima; no caso do grave, uniforme; no caso do circunflexo, curvado.

2.1.4. *Do ponto*

São três os pontos: final, médio e ‘subponto’². O ponto final é sinal de pensamento completo; o médio, sinal empregado em função de respiração; o ‘subponto’, sinal de pensamento não completamente acabado, mas faltando ainda algo.

¹ A divisão da gramática em seis partes corresponde à compreensão da gramática enquanto *empeiria*, tal como concebiam os filólogos alexandrinos desde o III século antes de Cristo: uma atividade aplicada, cujo objeto é o texto, particularmente o texto poético.

² ‘Subponto’ pode ser traduzido também por vírgula, mas optei por subponto por assim o entenderem os antigos.

Em que difere ponto de ‘subponto’? No tempo: para o ponto, o intervalo é grande; para o ‘subponto’, totalmente pequeno.

2.1.5. Da rapsódia

A rapsódia é uma parte do poema que compreende certo assunto; é chamada rapsódia por ser um tipo de ‘*rhabdoídiá*’ [“canto com varinha”], oriundo de itinerantes cantarem os poemas de Homero com uma varinha de loureiro.

2.1.6. Do elemento

Há vinte e quatro traços¹ do *álpha*’ ao ‘*o méga*’; são chamados traços (*grámmata*) pelo fato de serem formados por traços (*grammaís*) e por arranhões (*ksusmaís*). De fato, para os antigos, traçar (*grápsai*) era arranhar (*ksúsai*)², como também para Homero: “Agora, tu te lisonjeias assim, porque arranhaste (“*epigrápsas*”) a planta do meu pé”. (*Iliada*, 11.388)

Elas, as letras, são chamadas ainda de elementos (*stoikheía*), pelo fato de terem uma posição (*stoikhon*) e uma ordem.

Dentre elas, sete são soantes (*phonéenta*): *a e é i o y ó*; são chamadas soantes (*phonéenta*), porque compõem por si mesmas um som (*phoné*).

Dentre as soantes, duas são longas, *ê e ô*; duas breves, *e e o*; três, ‘bitemporais’, *a i y*; são chamadas ‘bitemporais’, porque ou são estendidas ou reduzidas.

Há cinco soantes pré-ordinais: *a e ê o ô*; são chamadas pré-ordinais, porque preordenadas ao *i* e ao *y* compõem uma sílaba, como *ai ay*. Há duas subordinais: *i* e *y*. Há algumas vezes o *y* preordenado ao *i*, como em “*myîa*” e “*hárpyia*”.

São seis os ditongos: *ai au ei eu oi ou*.

¹ Os ‘traços’ são evidentemente as letras.

² Observe o jogo de raízes gregas - “*grammaís*”(traços), “*grápsai*” (traçar)/“*xusmaís*”(arranhões), “*xúsai*” (arranhar).

As restantes são dezessete consoantes: *b g d dz th k l m n ks p r s t ph kh os*; são chamadas consoantes porque elas não têm por si mesmas um som, entretanto, coordenadas com as soantes, compõem um som.

Dentre elas oito são semissoantes: *dz ks ps l m n r s*; são chamadas semissoantes, porque, em comparação com os fortes sons das soantes, sendo tão inferiores, apresentam um som como murmúrios e sibilos. As mudas são nove: *b g d k p t th ph kh*; são chamadas mudas, porque são mais cacófonas que as outras, da mesma forma que chamamos de mudo o ator trágico cacófono.

Dessas, enquanto três são simples, *k p t*, três são veladas, *th ph kh*, e outras três médias, *b g d*; são chamadas médias, porque são mais veladas do que as simples e mais simples do que as veladas. O *b* é a média entre o *p* e o *ph*; o *g*, a média entre o *k* e o *kh*; o *d*, a média entre o *t* e o *th*. Existe, ainda, uma correspondência entre as veladas e as simples:

como o *ph* e o *p*, em

Allá moi êiph' hópei éskhes iòn euergéa nêa (Od. 9. 279);

como o *kh* e o *k*, em

Autíkh' ho mèn khláinán te khitóná te hénnut' Odysseús (Od. 5. 229);

como o *th* e o *t*, em

Hòs éphath', hoi d'ára pántes akèn egénonto siopêi (Il.3.95).

Ainda entre as consoantes, três são duplas: *dz ks ps*; elas são chamadas duplas, porque cada uma delas é formada por duas consoantes, o *dz* de *d* e *s*, o *ks* de *k* e *s*, e o *ps* de *p* e *s*.

Quatro são imutáveis: *l m n r*; são chamadas imutáveis, porque não mudam nem nos futuros dos verbos nem nas flexões dos nomes; são também chamadas líquidas.

São cinco os elementos finais dos nomes masculinos não alongados no caso direto e no singular: *n ks r s ps*, como em *Díon, Phôiniks, Nestor, Paris, Pélops*; dos femininos, oito: *a e o n ks r s ps*, como em *Môusa, Heléne, Kleió, khelidón, hélíks, meter, Thétis, lâilaps*; dos neutros, seis: *a i n r s y*, como em *háрма, méli, déndron, húdor, dépas, dóry*; alguns acrescentam também o *o*, como *állo*. Dos duais são três: *a e o*, como em *Atrêida, Héktore, phílo*. Dos plurais são quatro: *i s a e*, como em *phíloi, Héktores, bíblia, béle*.

2.1.7. *Da sílaba*

Propriamente, sílaba¹ é a reunião de consoantes com soante ou soantes, como *kar*, *bôus*; usualmente, também há a de uma só soante, como *a*, *e*.

2.1.8. *Da sílaba longa*

Uma sílaba se torna longa por oito maneiras, três por natureza, cinco por posição; por natureza, ou quando for emitida por meio de um elemento longo, como *héros*; ou quando contiver um dos elementos ‘bi-temporais’ empregados com alongamentos, como *Ares*; ou, ainda, quando contiver um dos ditongos, como *Áias*; por posição, ou quando terminar em duas consoantes, como *háls*; ou quando uma soante breve ou abreviada é seguida por duas consoantes, como *agrós*; ou quando terminar em uma consoante simples e tiver na sequência uma sílaba começando por uma consoante, como *érgon*; ou quando for seguida por uma consoante dupla, como *ékso*; ou quando terminar em um consoante dupla, como *Áraps*.

2.1.9. *Da sílaba breve*

Uma sílaba se torna breve de duas maneiras, ou quando tiver uma das breves por natureza, como *bréphos*; ou quando tiver uma das bitemporais empregada abreviadamente, como *Áres*.

2.1.10. *Da sílaba comum*

Uma sílaba se torna comum de três maneiras, ou quando terminar em uma soante longa e a seguinte começar com uma soante, como em

Oú tí moi aité essi, theói ný moi átiói eisin (Il. 3.164);

¹ A ‘sílaba’ é definida como a reunião dos ‘elemento’ ou letras, tendo sempre um apoio vocálico, que pode constituir-la por si só; sendo que a escansão dos versos, a procura das suas sílabas constituintes, era apontada pelos gramáticos antigos como um exercício fundamental desde a infância. O vocábulo grego *syllabé* é derivado de *syllambáneí*, ‘tomar ou pegar junto’, e a sílaba constituída de uma só vogal era chamada sílaba ‘por extensão’ (LALLOT, 1989: 107).

ou quando uma vogal breve ou abreviada for seguida por duas consoantes, sendo a segunda imutável, a precedente muda compondo uma unidade, como em

Pátroklé moi deilêi plêiston kekharisméne thymôi (Il. 19.287);

ou quando, sendo breve, encerrar uma das partes da oração, e a seguinte começar com uma soante, como em

éstora d'ouk élathen iakhè pínontá per émpes (Il. 14.1).

2.1.11. Da dicção

A dicção é a menor parte da oração em relação ao arranjo.

A oração é uma composição desde a simples dicção em prosa, manifestando um pensamento completo.

São oito as partes da oração¹: nome, verbo, participio, artigo, pronome, preposição, advérbio e conjunção. O apelativo² é submetido, de fato, como um tipo ao nome.

2.1.12. Do nome

O nome é uma parte casual da oração, significando corpo ou ação, corpo como 'pedra', ação como 'educação', enunciado de maneira comum ou própria, comum como 'homem', 'cavalo', própria como *Sócrates*. Há cinco acidentes para o nome: gênero, espécie, figura, número e caso.

Obs.: gêneros são três: masculino, feminino e neutro; alguns lhes acrescentam dois outros: comum e sobrecomum, comum como *híppos*, *kúon* ['cavalo', 'cachorro'], sobrecomum como *khelidón aetós* ['andorinha', 'águia' – palavras que valem para os dois sexos].

¹ A oração com oito partes, evidentemente, é uma oração genérica, obtida pela abstração; já que as orações particulares, como o próprio Dionísio afirmou no parágrafo anterior, podem ser expressas até por um só vocábulo.

² O 'apelativo', para os gramáticos alexandrinos, indicava uma qualidade comum (*koinèn poióteta*), como homem ou cavalo; já o nome, por sua vez, indicava uma qualidade particular (*ídan poióteta*), como Diógenes ou Sócrates.

As espécies são duas: primária e derivada; a primária é a enunciação de acordo com a convenção inicial, como *Gê* ['Terra']; derivada é a que teve sua origem em outra, como *bGaiétios* ['Nascido da Terra' (Od. 7. 324)].

As espécies de derivados são sete: patronímico, possessivo, comparativo, superlativo, hipocorístico, parônimo e verbal.

(1) Patronímico é propriamente o que é formado a partir do nome paterno; impropriamente, também a partir dos ancestrais, como *Peléides*, *Aiakídes* o *Akhilléus*. – Os tipos de patronímicos masculinos são três, o em *-des*, o em *-on*, o em *-adios*, como *Atréides*, *Atréion*, e o tipo próprio dos eólios *Hyrrádios* (*Pittakóbs* é o filho de *Hýrra*). Dos femininos são igualmente três, o em *-is*, como *Priamís* ['Filho de Príamo'], o em *-as*, como *Peliás* ['Filho de Peleu'], o em *-ne*, como *Adrestíne* ['Filho de Adrasto']. – Homero não forma nome patronímico a partir da mãe, mas os [escritores] recentes [sim].

(2) Possessivo é o subordinado pela posse, incluído o possuidor, como *Nelíoi híppoi* ['os cavalos de Neleu' (Il. 11.597)], *Hektóreos khitón* ['o manto de Heitor' (Il. 2.416)], *Platonikòn biblíon* ['um livro de Platão'].

(3) O comparativo é o que apresenta a comparação de um só com um só homogêneo, como *Akhillèus andreióteros Áiantos* ['Aquiles é mais corajoso do que Ajax'], ou de um com muitos heterogêneos, como *Ákhillèus andreióteros tôn Tróon* ['Aquiles é mais corajoso do que os troianos']. Os tipos de comparativos são três, o em *-teros*, como *oksýteros* ['mais rápido'], *bradúteros* ['mais lento'], o em *-on*, como *bel-tíon* ['melhor'], *kallíon* ['mais belo'], o em *-on*, como *kréisson* ['mais forte'], *hésson* ['mais fraco'].

(4) O superlativo é o empregado com intensidade numa comparação de um com muitos. Seus tipos são dois, o em *-tatos*, como *oksýtatos* ['o mais rápido'], *bradytatos* ['o mais lento'], e o em *-tos*, como *áristos* ['o melhor'], *mégistos* ['o maior'].

(5) O hipocorístico é o que indica uma redução do primário, sem comparação, como *antropískos* ['homenzinho'], *lithaks* ['pedrinha'], *meirakýllion* ['pequeno-homem' = 'adolescente'].

(6) O parônimo é o feito sobre o nome, como *Théon*, *Trýfon*.

(7) O verbal é o derivado de um verbo, como *Philémom*, *Noémon*.

As figuras dos nomes são três: simples, sintético e parassintético; simples, como *Mémnon*, sintético, como *Agamémnon*, parassintético, como *Agamemnonídes*, *Philippídes*. – Dentre os compostos, quatro são as variedades: uns existem a partir de dois completos, como *Kheiríssofhos*; outros, de dois incompletos, como *Sofhokés*; outros, de incompleto e completo, como *Fhilódemos*; e outros, de completo e incompleto, como *Periklés*.

Os números são três: singular, dual, plural; singular, *ho Hómeros*; dual: *tô Homero*; plural: *hoi Hómeroi*. – Alguns singulares são característicos e são enunciados de muitos, como *demos* [‘povo’], *khorós* [‘coro’], *ókhlos* [‘multidão’]; ainda há plurais [enunciados] de singulares e de duais, de singulares como *Athénai* [‘Atenas’], *Thêbai* [‘Tebas’], de duais como *amphóteroi* [‘os dois’ = ‘ambos’].

Os casos dos nomes são cinco: reto¹, genitivo², dativo³, causativo⁴, vocativo¹. O reto é também chamado de nominativo e direto; o geni-

¹ O *nominativo* foi visto como caso reto porque é a relação direta da “identificação”, daí da “nomeação”, da “denominação” daquilo de que se fala; é a relação primeira, direta, entre o significado e o significante, identificando o sujeito e as suas relações secundárias.

² No *genitivo* identificar-se-á a relação nominal de *definição*, *restrição*, *delimitação* (complemento ou adjunto adnominal). O *genitivo* é o caso do complemento determinativo de nome: *liber Petri*, como o acusativo é o do complemento do verbo: *Petrum diligo*. O termo *genitivo* é uma adaptação do grego *geniké*, provavelmente o caso da categoria ou da espécie. *A função essencial do genitivo é precisamente a de especificar. O acusativo acrescenta ao enunciado uma precisão imediata, que se estrutura com ele. O genitivo determina um ser, um objeto, um processo por referência a uma realidade ou a uma noção de existência distinta, que se trata de uma relação de dependência ou de possessão (genitivo de possessão, de pertença, de qualidade, genitivo explicativo ou de definição, genitivo de estimação, genitivo partitivo, genitivo de preço etc.)*.

³ É o caso da “dação”, da atribuição. *Datiuus aliquid extrinsecus addi demonstrat vel accedere*: “O dativo demonstra que algo de fora se junta ou é acrescentado” (*Ars Anonyma Bernensis*, séc. VIII-IX). É uma definição interessante que enfatiza a relação significante-significado. A metáfora e a metonímia fazem o resto. Mas ela é também abrangente, porque, a partir da idéia de *ser acrescentado* ou *se juntar a*, podemos enumerar as relações de *amizade*, *hostilidade*, *utilidade*, *provento*, *interesse*, *comunidade*, *ajuda*, *agrado*, *serviço*, *servidão*, *afinidade*, *semelhança*, *contigüidade*, *horizontalidade*, *igualdade*, *comparação*, *lateralidade*, *interesse*, *paralelismo*, *simultaneidade* etc.

⁴ A gramática tradicional diz que é o caso do objeto direto, que se caracteriza pela ausência do conectivo (preposição) entre o verbo transitivo e o seu complemento [= visão apenas formalista, imperfeita e inútil, já que não leva em conta a relação semântica]. Agora, se derivarmos *aitiatiké* (nome grego do caso) do verbo *aitéo*, “eu procuro, busco, exijo”, podemos explicá-lo satisfatoriamente. A derivação de *aitía*, “causa”, por ser abstrata, não é suficiente e destoa do conjunto das denominações dos outros casos, que são concretas. É o que acontece com os verbos transitivos que, por serem incompletos, *partem à busca de seu complemento*; esse complemento é o termo, término do processo verbal; o ato verbal se completa, se fecha nele. A denominação de *transitivo* exprime bem esse fato.

tivo, de possessivo e paternal; o dativo, de epistolar; o causativo, de consoante o causativo; o vocativo, de interpelativo.

Subordinam-se ao nome os seguintes [tipos], que são também chamados de espécie: próprio, apelativo, epíteto, relativo, quase relativo, homônimo, sinônimo, diônimo, epônimo, étnico, interrogativo, aoristo, anafórico, que é também chamado de semelhante, dêitico e correlativo, coletivo, distributivo, inclusivo, factual, genérico, específico, ordinal, numeral, absoluto, participativo.

(1) Próprio é o que significa a substância particular, como ‘Homero’, ‘Sócrates’.

(2) Comum é o que significa a substância comum, como *ántropos* [‘homem’], *hýppos* [‘cavalo’].

(3) Epíteto é o colocado, de modo homonímico, junto dos próprios e comuns e exprimindo elogio ou repreenda; é compreendido de três maneiras, da alma, do corpo, das coisas exteriores: da alma, como *sóphron* [‘temperante’], *akólastos* [‘debochado’]; do corpo, como *takhýs* [‘rápido’], *bradýs* [‘lento’]; das coisas exteriores, como *plóusios* [‘rico’], *penes* [‘pobre’].

(4) Relativo é como *patér* [‘pai’], *huiós* [‘filho’], *fhílos* [‘amigo’], *deksiós* [‘direito’].

(5) Quase-relativo é como *núks* [‘noite’], *heméra* [‘dia’], *thánatos* [‘morte’], *dzoé* [‘vida’].

(6) Homônimo é o nome colocado de modo homonímico para muitos, como para os nomes próprios, *Áias*, o *Telamônios* [‘Ájax, o filho

Essa busca do “complemento” pode ser verificada também nos verbos chamados de *movimento* ou de *direção*. A única diferença é que, nesse caso, há uma relação espacial. Nas frases *eu vou à cidade / eu amo a cidade*, a palavra *cidade* é *termo*, *complemento* tanto de *amo* quanto de *vou*. Há uma diferença apenas: *vou*, por exprimir uma idéia de *espaço*, precisa de uma preposição. Mas a relação é a mesma, isto é, *completar o verbo*, e por isso também o *caso* é o mesmo. Nem sempre há coincidência entre o ponto de vista do português e o ponto de vista do latim no entendimento da transitividade dos verbos. Em português prevalece a análise formal: identifica-se o objeto direto pela ausência da preposição; em latim, a identificação do acusativo (objeto direto) se faz pelo significado, tendo em vista o processo verbal em seu seguimento até sua realização e complementação no objeto, que é o termo do processo verbal.

¹ É o ato de chamar. O vocativo não é propriamente uma função; não faz parte do mecanismo da frase; é exterior a ela. É uma espécie de interjeição, um chamado, um aceno; é o “gancho” do diálogo, que é bipolar, singular (próprio da oralidade).

de Telamon’], e *Áias*, o *Iléos* [‘Ájax, o filho de Iléo’], e para os comuns, *mýs thalássios* [‘o rato marinho’] e *mýs gegenés* [‘o rato terrestre’].

(7) Sinônimo é o que exprime por meio de diferentes nomes a mesma coisa, como *áor*, *ksífhos*, *mákhaira*, *spáthe*, *phásganon* [‘espada’, ‘punhal’, ‘faca’ etc.].

(8) Ferônimo é o instituído a partir de algum acidente, como *Tisamenós* [‘Vingador’] e *Megapénthes* [‘Grande-Tristeza’].

(9) Diônimo consiste em dois nomes aplicados a um próprio, como *Aléksandros*, o também *Páris*, não sendo o discurso reversível; pois nem todo *Aléksandros* é também *Páris*.

(10) Epônimo, que é também chamado diônimo, é aquele que é enunciado com outro nome próprio a um único (ser), como *Enosíkhton* [‘O que abala a terra’], o *Poseidón*, e *Phóibos* [‘Brilhante’], o *Apóllon*.

(11) Étnico é o que exprime a etnia [nacionalidade], como *Phryks* [‘Frígio’], *Galátes* [‘Gálata’].

(12) Interrogativo, que também é chamado de inquisitivo, é o enunciado para interrogar, como *tís* [‘que?’], *poíos* [‘de qual qualidade’], *pósos* [‘de qual quantidade’], *pelíkos* [‘de qual idade?’].

(13) Aoristo é o enunciado contrariamente ao interrogativo, como *hostis*, *hopoíos*, *hopósos*, *hopelíkos*.

(14) Anafórico, que também é chamado de semelhante, dêítico e correlativo, é o que significa a semelhança, como *toioútos*, *tosoútos*, *telikoútos*.

(15) Coletivo é o que significa uma quantidade por meio de um número singular, como *dêmos*, *khorós*, *ókhlos*.

(16) Distributivo é o que, de dois ou mais, tem a referência para um, como *hekáteros*, *hekastos*.

(17) Inclusivo é o que representa algo manifestado em si mesmo, como *daphnón*, *parthenon*.

(18) Factual é o dito de modo mimético às particularidades sonoras, como *fhlôisbos*, *rhôidzos*, *orygmadós*.

(19) Genérico é o que pode ser dividido em muitas espécies, como *dzón*, *fhytón*.

(20) Específico é o que provém da divisão do gênero, como *boûs, híppos, ámpelos, eláia*.

(21) Ordinal é o que exprime ordem, como *prótos, déuterós, trítos*.

(22) Numeral é o que significa o número, como *eîs, dýo, trêis*.

(23) Absoluto é o pensado nele mesmo, como *theós, lógos*.

(24) Participativo é aquele que participa de uma substância, como *pýrinos, drúinos, eláphinos*.

As disposições do nome são duas: ativa e passiva; ativa conforme *krités* o *krínon*, passiva conforme *kritós* o *krinómenos*.

2.1.13. Do verbo

Verbo é dicção sem caso, capaz de indicar tempo¹, pessoa e número, exprimindo o ativo ou o passivo. Há oito acidentes para o verbo: modo, disposição, espécie, esquema, número, pessoa, tempo, conjugação.

Os modos são cinco: definido, imperativo, desiderativo, subjuntivo, indesignativo.

As disposições são três: ativa, passiva, média; ativa, como *týpto*, passiva, como *týptomai*, média é a disposição que indica tanto a ativa quanto a passiva, como *pépega, diéphthora, epoiesámen, egrapsámen*.

Há duas espécies: primária e derivada; primária, como *árdo*, derivada, como *ardéuo*.

Há três esquemas: simples, sintético, parassintético; simples, como *phronó*, sintético, como *kataphronó*, parassintético, como *antigonídzo, philippídzo*.

Há três números: singular, dual, plural; singular, como *týpto*; dual, como *týpteton*; plural, como *týptomen*.

¹ A definição que Apolônio Díscolo dá de verbo ajuda a compreender o que pensavam os gramáticos alexandrinos dessa parte da oração: "Verbo é parte da oração sem caso que, por meio de transformações particulares, é capaz de conter diversos tempos com atividade ou passividade ou nenhum dos dois, e que exprime também as pessoas e os números, quando mostra as disposições da alma" (*Commentarius Heliodori*, 13, 21).

Há três pessoas: primeira, segunda, terceira; a primeira, a partir da qual há o enunciado; a segunda, para a qual há o enunciado; a terceira, sobre a qual há o enunciado.

Há três tempos: presente, passado, futuro. Dentre eles, o passado tem quatro variedades: durativo, adjacente, mais-que-perfeito, aoristo; desses, havendo três parentescos: do presente com o durativo, do adjacente com o mais-que-perfeito, do aoristo com o futuro.

2.1.14. Da conjugação

A conjugação é a flexão regular de verbos.

São seis as conjugações dos verbos barítonos, das quais

(1) a primeira é expressa por *b*, *ph*, *p* ou *pt*, como *léibo*, *grápho*, *térpo*, *kópto*;

(2) a segunda, por *g*, *k*, *kh* ou *kt*, como *légo*, *pléko*, *trékho*, *tíkto*;

(3) a terceira, por *d*, *th* ou *t*, como *áido*, *plétho*, *anýto*;

(4) a quarta, por *dz* ou dois *ss*, como *phrádzo*, *nýsso*, *orýsso*;

(5) a quinta, pelas quatro imutáveis, *l m n r*, como *páлло*, *némo*, *kríno*, *spéiro*;

(6) a sexta, pelo *o* puro, como *híppéuo*, *pléo*, *basiléuo*.

Alguns introduzem ainda uma sétima conjugação, por *ks* e *ps*, como *alékso*, *hépsso*.

As conjugações dos verbos circunflexos são três, das quais

(1) a primeira é expressa nas segunda e terceira pessoas pelo ditongo *ei*, como *noô*, *noêis*, *noêi*;

(2) a segunda, pelo ditongo *ai*, sendo o *i* adscrito, mas não pronunciado, como *boô*, *boâis*, *boâi*;

(3) a terceira, pelo ditongo *oi*, como *khrysô*, *khrysôis*, *khrysôi*.

As conjugações dos verbos terminados em *mi* são quatro, das quais

(1) a primeira é expressa a partir da primeira dos circunflexos, como a partir de *tithô* vem *títhemi*;

- (2) a segunda, a partir da segunda, como de *histô* vem *hístemi*;
- (3) a terceira, a partir da terceira, como de *didô* vem *dídomi*;
- (4) a quarta, a partir da sexta dos barítonos, como de *pegnýo* vem *pégnyimi*.

2.1.15. Do participípio

O participípio é a dicção que participa da propriedade dos verbos e da dos nomes. Para ele, há os mesmos acidentes do que para o nome e o verbo, exceto pessoa e modo.

2.1.16. Do artigo

O artigo é uma parte casual do enunciado, preposta ou posposta à flexão dos nomes; há o preposto *ho* e o posposto *hós*.

Para o artigo há três acidentes: gênero, número, caso.

Os gêneros são três: *ho poietés*, *he póiesis*, *tò póiema*.

Os números, três: singular, dual, plural; singular: *ho*, *he*, *tó*; dual: *tó*, *tá*; plural: *hoi*, *hai*, *tá*.

Casos: *ho*, *toú*, *tói*, *tón*, *ô*, *he*, *tês*, *têi*, *ten*, *ô*.

2.1.17. Do pronome

O pronome é uma dicção empregada no lugar do nome, indicando pessoas definidas.

Para o pronome há seis acidentes: pessoa, gênero, número, caso, esquema, espécie.

Há pessoas: dos primários, *egó*, *sý*, *hí*; dos derivados, *emós*, *sós*, *hós*.

Gêneros: dos primários, não são distinguidos pela expressão, mas pela sua dêixis, como *egó*; dos derivados, como *ho emós*, *he emé*, *tò emón*.

Números: dos primários, singular, *egó*, *sú*, *hí*; dual, *nôï*, *sphôï*; plural, *hemêis*, *hymêis*, *sphêis*; dos derivados: singular, *emós*, *sós*, *hós*;

dual, *emó, só, hó*, plural, *emói, sói, hói*.

Casos: dos primários, direto, *egó, sí, hí*; genitivo, *emoû, souû, houû*; dativo, *emói, sói, hói*; causativo, *emé, sé, hé*; vocativo, *sý*; dos derivados, *emós, sós, hós*; genitivo, *emoû, souû, houû*; dativo, *emói, sói, hói*; causativo, *emón, són, hón*.

Dois esquemas: simples e sintético; simples, como *emoû, souû, houû*; sintético, como *emautoû, sautoû, hautoû*.

Espécies, porque uns são primários, como *egó, sí, hí*, e outros derivados, como todos os possessivos, que são chamados também ‘bipessoais’; assim se derivam: dos singulares, os que indicam um ‘possessor’, como de *emoû* o *emós*; dos duais, os que indicam dois, como de *nôi*, *nôiteros*; dos plurais, vários, como de *hemêis, heméteros*.

Dentre os pronomes, uns são inarticulados¹, outros articulados: inarticulados, como *egó*; articulados, como *ho emós*.

2.1.18. Da preposição

A preposição é uma dicção preposta a todas as partes do enunciado, em composição e em arranjo.

As preposições todas são dezoito, das quais seis são monossilábicas: *en, eis, eks, sýn, pró, prós*, nas quais não há anástrofe; e doze, dissilábicas: *aná, katá, diá, metá, pará, antí, epí, perí, amphí, apó, hypó, hypér*.

2.1.19. Do advérbio

O advérbio é uma parte do enunciado sem flexão, dita do verbo ou relacionada ao verbo.

Dentre os advérbios, uns são simples, outros compostos; simples, como *pálai*, compostos, como *própalai*.

¹ Aqui, *inarticulados* significa *empregados sem artigo*. Lembrando do étimo de artigo – “o que articula”, o pronome inarticulado seria, então, o pronome que não tem articulação com algo já referido no enunciado; já o articulado, o que apresentaria a articulação.

(1) Há os próprios para indicar o tempo, como *nýn, tóte, áuthis*; a esses como espécies é necessário compilar os que exprimem o momento, como *sémeron, áurion, tóphra, téos, peníka*.

(2) Os de modo, como *kalôs, sophôs*.

(3) Os de qualidade, como *pýks, láks, botrydón, ageledón*.

(4) Os de quantidade, como *pollákis, oligákis*.

(5) Os próprios para indicar número, como *dís, trís, tetrákis*.

(6) Os de lugar, como *áno, káto*; desses há três maneiras de ser: lugar onde, lugar para, lugar de onde, como *óikoi, óikade, óikothen*.

(7) Os que significam desejo, como *éithe, áithe, ábale*.

(8) Os de pranto, como *papâi, ióu, phêu*.

(9) Os de denegação ou de negação, como *óu, oukhí, oudêta, oudamôs*.

(10) Os de afirmação, como *nái, náikhi*.

(11) Os de proibição, como *mé, medêta, medamôs*.

(12) Os de aproximação ou assimilação, como *hos, hósper, eúte, katháper*.

(13) Os de admiração, como *babâi*.

(14) Os de conjectura, como *ísos, tákha, tykhón*.

(15) Os de disposição, como *heksês, ephksês, khorís*.

(16) Os de ajuntamento, como *árden, háma, élitha*.

(17) Os de instrução, como *eíta, áge, phére*.

(18) Os de comparação, como *mállon, hêtton*.

(19) Os de interrogação, como *póthen, peníka, pôs*.

(20) Os de intensidade, como *lían, sphódra, pány, ágan, málista*.

(21) Os de reunião, como *háma, homôu, ámydis*.

(22) Os de juramento negativo, como *má*.

(23) Os de juramento positivo, como *né*.

- (24) Os de consolidação, como *deladé*.
- (25) Os de obrigação, como *gametéon, pleustéon*.
- (26) Os de superstição, como *euhói, éuhan*.

2.1.20. Da conjunção

A conjunção é uma dicção que conjuga o pensamento com ordenação, indicando a interpretação do discurso.

Dentre as conjunções, existem as copulativas, as disjuntivas, as conectivas, as ‘paraconectivas’, as causais, as dubitativas, as silogísticas e as expletivas.

(1) As copulativas são aquelas que conjugam a interpretação que é exposta por enumerações; são estas: *mén, dé, té, kái, allá, emén, edé, idé, atár, autár, étoi, kén, án*.

(2) As disjuntivas são aquelas que conjugam a frase de maneira sobreposta, separando uma ação da outra; são estas: *é étoi eé*.

(3) As conectivas são aquelas que não indicam uma existência, mas significam uma sequência; são estas: *éi, éiper, eidé, eidéper*.

(4) As ‘paraconectivas’ são aquelas que indicam tanto uma existência quanto uma ordenação; são estas: *epéi, epéiper, epeidé, epeidéper*.

(5) As causais são aquelas empregadas para a atribuição de uma causa; são estas: *hína, óphra, hópos, héneka, hóuneka, dihó, dihóti, kath'hó, kath'hóti, kath'hóson*.

(6) As dubitativas são aquelas usadas para unir, quando se está incerto; são estas: *ára, kâta, môn*.

(7) As silogísticas são aquelas que estão bem colocadas tanto para as premissas quanto para a concepção das provas; são estas: *ára, allamén, tóiny, toigártoi, toigarôun*.

(8) As expletivas são aquelas empregadas para o metro ou para o ornamento; são estas: *dé, rhá, ný, pôu, tói, thén, ár, dêta, pér, pó, mén, án, âu, nún, ôun, kén, gé*.

Alguns acrescentam também as opositivas, como *émpes, hómo*s.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHAM, Werner. *Diccionario de terminologia linguística actual*. Madrid: Gredos, 1981.

ALBUQUERQUE, Irene T. de. A evolução do conceito de gramática dos gregos aos ingleses do século XVII. In: *Miscelânea de Estudos*. Lisboa: Comissão Científica do Departamento de Estudos Anglo-americanos da Faculdade de Letras de Lisboa, 1985.

ARISTOTE. *De la génération et de la corruption*. Paris: Les Belles Lettres, 1966.

_____. *La métaphysique*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1974.

_____. *Physique*. Paris: Les Belles Lettres, 1926, tome premier.

_____. *Poétique*. Paris: Les Belles Lettres, 1932.

_____. *Organon – Catégories et de l'interprétation*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1989.

ARISTÓTELES. *Categorias*. Lisboa: Guimarães, 1982 (tradução de Silvestre Pinheiro Ferreira).

_____. *Organon*. Lisboa: Guimarães, 1985, 5 volumes.

_____. *Poética*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1986.

_____. *Tópicos e dos argumentos sofisticos*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

ARISTOTELIS. *Ars Rhetorica*. Oxford: Oxford University Press, 1986.

_____. *Categoriae et Liber de Interpretatione*. Oxford: Oxford University Press, 1986.

_____. *De Arte Poetica Liber*. Oxford: Oxford University Press, 1982.

_____. *Topica et Sophistici Elenchi*. Oxford: Oxford University Press, 1958.

ARISTOTLE. *Meteorologica*. London: William Heinemann, 1952.

ARNAULD, Antoine. *Gramática de Port-Royal/Arnauld e Lancelot*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ARNAULD et LANCELOT. *Grammaire Générale et Raisonnée*. Avec les remarques de Duclos et préface de Michel Foucault. Paris: République-

tions Paulet, 1969.

BACON, Roger. *The greek grammar*. Cambridge: The University Press, 1902.

BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette, 1950.

BARBOSA, Jeronymo Soares. *Grammatica philosophica da língua portuguesa*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1881.

BARROS, João de. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971.

BEKKER, Immanuel. *Anecdota Graeca*. Berolini: G. Reimerum, 1816.

_____. *Anecdota Graeca*. Graz-Austria: Akademische Druck-u. Verlagsanstalt, 1965.

BOISSONADE, J. *Anecdota Graeca*. Hildesheim: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1962.

BRUN, Jean. *Les Stoïciens*. Paris: Presses Universitaires de France, 1962.

DAHLMANN, Hellfried. *Zur Ars Grammatica des Marius Victorinus*. Mainz: Verlag der Akademie der Wissenschaften un der Literatur, 1970.

EGGER, E. *Apollonius Dyscole – Essai sur l’histoire de théories grammaticales*. Paris: Auguste Durand Librairie, 1854.

_____. *Notions élémentaires de grammaire comparée*. Paris: G. Pedone-Lauriel, 1880.

EMMANUELIS ALVARI. *Institutio Grammatica*. Roma: Horatio Tursellini S.J., 1832.

FORCELLINI, Aegidio. *Lexicon Totius Latinitatis*. Patavii Typis Seminarii, MCMXXX, tom. IV.

GORGAS. *Fragmentos*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1980.

HAUDRY, Jean. *L’indo-européen*. Paris: Presses Universitaires de France, 1984.

HAUY, Amini B. *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1987.

HILGARD, Alfredus. *Theodosii Alexandrini – Georgii Choerobosci – Cadernos do CNLF, Vol. XV, Nº 5, t. 3. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011*

Sophonii Patriarchae Alexandrini. Lipsiae: Aedibus B.G. Teubneri, 1894.

HOLTZ, Louis. *Donat et la tradition de l'enseignement grammatical*. Paris: C.N.R.S., 1981.

JESPERSEN, Otto. *La philosophie de la grammaire*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1971.

KEIL, H. *Grammatici Latini*. Lipsiae: Aedibus B.G. Teubneri, 1866.

KÜHNERT, F. *Flavii Sosipatri Charisii – Artis Grammaticae*. Lipsiae: Aedibus B.G. Teubneri, 1964.

LALLOT, Jean. *La Grammaire de Denys le Thrace*. Paris: C.N.R.S., 1989.

LASCARIS, Constantinus. *Greek Grammar*. Amsterdam: Adolf M. Hakkert-Publisher, 1966.

LENTZ, Augustus. *Herodiani Technici – Reliquiae*. Lipsiae: Aedibus B.G. Teubneri, 1870, tomi II, fasciculus posterior.

MARIOTTI, Italo. *Marii Victorini – Ars Grammatica*. Firenze: Felice le Monnier, 1967.

MEYER-LÜBKE, W. *Grammaire des Langues Romanes*. Vienne: G. E. Stechert & Co., 1923.

MOUNIN, Georges. *Historia de la linguística*. Madrid: Gredos, 1971.

MURACHCO, Henrique. *Língua Grega – visão semântica, lógica, orgânica e funcional*. Petrópolis: Vozes, 2001.

NEBRIJA, Antonio de. *Gramática de la Lengua Castellana*. Madrid: Nacional, 1980.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A Vertente Grega da Gramática Tradicional*. São Paulo/Brasília: Hucitec/Universidade de Brasília, 1987.

OLIVEIRA, Fernão de. *A Gramática da Linguagem Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1975.

OLIVEIRA, Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira. *A gramática de Dionísio Trácio e seus contrapontos semânticos*. Campo Grande: Oeste, 2011.

PACIUS, Julius. *Aristotelis Stagiritae... Organum*. Morgiis, 1584.

PELLETIER, Yvan. *Les Attributions (Catégories)*. Montréal/Paris: Belarmin/Les Belles Lettres, 1983.

PETERS, F. E. *Termos filosóficos gregos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

PLATÃO. *A república*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

PLATON. *Oeuvres complètes*. Paris: Les Belles Lettres, 1950, tome VIII.

PROTÁGORAS. *Fragmentos y testimonios*. Buenos Aires: Aguilar, 1965.

QUINTILIANUS, M. Fabius. *Instituto Oratoriae*. Paris: Les Belles Lettres, 1975.

QUINTILIEN. *Institution Oratoire*. Paris: Librairie Garnier Frères, s.d.

RIBEIRO, Julio. *Grammatica portugueza*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914.

ROBINS, R. H. *Ancient & Mediaeval Grammatical Theory in Europe*. London: G. Bell & Sons Ltd., 1951.

ROSS, W. D. *Aristotle's Metaphysic*. Oxford: Oxford University Press, 1953 (first edition – 1924).

SEQUEIRA, Francisco J. M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Lisboa: Livraria Popular de F. Franco, s.d.

SCHMIDT, Rudolphus. *Stoicorum Grammatica*. Amsterdam: Verlag Adolf. M. Hakkert, 1967.

SCHWYZER, Eduard. *Griechische Grammatik*. München: C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1968.

SPRINGHETTI, Aemilius. *Lexicon Linguisticae et Philologiae*. Romae: Typis Pontificiae Universitatis Gregorianae, 1962.

STEPHANUS, Henricus. *Thesaurus Graecae Linguae*. Parisiis: Institutii Franciae Typ., 1865.

UHLIG, Gustavus. *Apollonii Dyscoli Quae Supersunt*. Lipsiae: in Aedibus B. G. Teubneri, 1910.

_____. *Dionysii Thracis Ars Grammatica*. Lipsiae: in Aedibus B. G. Teubneri, 1883.

URBANAS, Alban. *La Notion d'Accident chez Aristote: Logique et Mé-taphysique*. Montréal/Paris: Bellarmin/Les Belles Lettres.